



PERNA PARA QUE TE QUERO: UM ESTUDO SOBRE PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO, PERFORMANCE E ABJEÇÃO A PARTIR DA FIGURA DE ROBERTO PERNALONGA

Andressa Carvalho Castelli; Benedito Medrado

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, andressacarvalhognonalves@gmail.com

RESUMO: Com base nos conceitos elaborados por Judith Butler e outros autores alinhados à teoria Queer, este trabalho, de natureza qualitativa e abordagem exploratória, analisa a construção da abjeção e a reiteração da performatividade de gênero a partir da performance de Roberto Pernalonga – ator integrante do grupo de teatro pernambucano Vivencial Diversiones, da década de 1970/80. Para tanto, produzimos a análise do documentário “Aids e preconceito ou A Pernalonga da história”, dirigido por Wilson Freire e produzido pela Cabra Quente Filmes, a partir da técnica de blocos narrativos de Passarelli e de linhas narrativas de Spink. Performatividade; Performance; Abjeção; Teoria Queer; Roberto Pernalonga.

Introdução: Esse trabalho é resultado parcial de uma pesquisa desenvolvida no contexto do Núcleo Feminista de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades – GEMA UFPE, cujo objetivo geral foi estudar a produção de memórias sobre movimento LGBT no eixo Norte/Nordeste do Brasil, tendo como um dos recursos a análise da coluna Mundo Gay, do jornal Diário da Noite, mídia impressa que circulava na cidade do Recife ao longo da década de 1970.

No material jornalístico coletado, destaca-se a figura do ator Roberto Pernalonga, membro integrante do Vivencial Diversiones, grupo de teatro de contracultura do período da ditadura militar marcado pela apresentação de diferentes performances de gênero. “Pernalonga” foi a primeira pessoa pública diagnosticada com HIV em Pernambuco e converteu-se um importante ativista ao elencar campanhas de prevenção e

desestigmatização da doença. Dada a relevância deste personagem na construção daquelas memórias, optou-se por produzir uma pesquisa a seu respeito.

Tal intento encontrou seus principais elementos de análise no documentário “Aids e preconceito ou A Pernalonga da história”, dirigido por Wilson Freire e produzido pela Cabra Quente Filmes, no qual também pode se encontrar o relato de sua morte trágica causada pela ausência de atendimento após ser vítima de um assalto onde foi ferido na perna.

Assim, tendo o documentário como objeto de pesquisa, pretende-se identificar como se deu a construção da abjeção e a reiteração da performatividade de gênero a partir da performance de Roberto Pernalonga.

Aqui, a performatividade de gênero é entendida como “El procedimiento mediante el cual se actualizan las reglas y se atribuye a



un cuerpo un género u otro es un procedimiento obligatorio, una producción forzada, pero no es por ello completamente determinante. En tanto que el género es una atribución, se trata de una atribución que no se lleva a cabo plenamente de acuerdo con las expectativas, cuyo destinatario nunca habita del todo ese ideal al que está obligado a aproximarse”. (BUTLER, 2002, p.7)

Já a performance é a possibilidade de autofiguração da norma, o que remete ao âmbito da teatralidade, referindo-se às possibilidades de resistência e criatividade em relação à norma.

Aquilo que é contestado pelo sujeito, que interroga a norma e corporifica uma performance não normativa faz do sujeito socialmente ilegível ou abjeto. Conforme propõe Duque (2008), esses corpos abjetos são corpos carregados de estigma por não acompanharem os scripts sociais e padrões de gênero hegemônicos na sociedade.

A análise do documentário, material que congrega a narração de perspectivas a respeito de Pernalonga, remeteu, ainda, a uma problematização a respeito dos conceitos de realidade e ficção, bem como uma reflexão sobre o que é a verdade.

Com base no construcionismo social, entende-se, segundo Spink e Frezza (2004), que a influência do construcionismo possibilitou um enfoque no processo sócio-

histórico, implicando repensar a noção de realidade, conhecimento e verdade. A realidade passa a ser pensada inseparável da forma de acesso que temos ao mundo e daquilo que o constitui. O conhecimento é entendido como construção social, dialógica e situada, a qual confere não apenas ao conhecimento, mas também ao sujeito e ao objeto do conhecimento o estatuto de construção social, não havendo assim uma verdade absoluta pré-discursiva. Nessa leitura, a materialidade é um dos possíveis “efeitos de verdade”.

Metodologia: A metodologia utilizada para a análise do documentário baseia-se numa concepção de linguagem compreendida como práticas discursivas. Ou seja, compreendidas como linguagem em ação: “as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas têm como elementos constitutivos: a dinâmica, ou seja, os enunciados orientados por vozes; as formas, que são os speech genres; e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos”. (SPINK; MEDRADO, 2004, p.26).

Coerente com essa proposta de linguagem, uma das técnicas de análise empreendida foi a de Blocos Narrativos na qual, segundo Carlos Passarelli (2004), o



filme é dividido em sequencias, isto é, “uma série de planos ligados por uma unidade narrativa, portanto comparável, em sua natureza, à cena no teatro ou ao quadro no cinema dos primeiros tempos” (p.28).

Reciprocamente, a cada Bloco Narrativo estabelecido, buscou-se encontrar uma Linha Narrativa, que de acordo com a proposta de Spink e Lima (2004), “constitui, sem dúvida, uma imposição de linearidade, visto que busca situar cronologicamente (numa linha horizontal) os eventos marcadores da história contada. Como nem sempre as histórias são contadas de forma linear, as linhas narrativas constituem esforços de compreensão pautados numa perspectiva temporal que nem sempre faz justiça à construção argumentativa. Decorre daí a necessidade e a riqueza do uso de múltiplas técnicas de análise que se interpenetram e se complementam” (p. 94)

Resultados e Discussão: O documentário analisado se desenvolve a partir de relatos entrecortados de pessoas próximas a Roberto, editados em diferentes blocos estabelecidos pelo diretor do documentário, quais sejam: Pernalonga; Vida e Arte; A AIDS; A indesejada das gentes; Preconceito; Anos Depois.

A análise se debruçou especialmente sobre os blocos 2 e 3, respectivamente, Vida e

Arte e A AIDS, sendo seus blocos e linhas narrativas apresentadas nos quadros a seguir:

Bloco 2: Vida e arte → Conta a trajetória de Pernalonga → Vivencial 1 (irreverência) → cena alternativa no contexto da ditadura → teatro experimental de Olinda → desafio → trecho de filme (Outras Cenas Brasileiras) → Loucura como seriedade → heterossexualidade → loucura → casamento → bissexualidade pejorativa

Bloco 3: A AIDS → Conta o que é a Aids através do próprio tema → diagnóstico por médica psiquiatra → portador → sobrevivente longo → persistência dos hábitos de vida → desafia o HIV → extravagâncias → dúvida sobre ser soropositivo → pessoa saudável → não tinha Aids → dúvida → saudável → autopromoção → charminho → fazer gênero → morte → recorte de filme → irreverência → atrevido → ousado → audacioso → cobaia de estudo → performances como soropositivo → recorte de filme → transgressor.

O bloco 2 conta a trajetória de Pernalonga e fica particularmente interessante logo após sua caracterização enquanto uma figura desafiadora. São trazidos trechos do filme *Outras cenas brasileiras*, onde Roberto encena quase completamente nú,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

caracterizado com apetrechos socialmente lidos como femininos (a exemplo de batom, colar e brincos), mas com as partes genitais cobertas, produzindo um efeito de ambiguidade. Essa ilegibilidade é complementada pelos depoimentos onde a sexualidade de Pernalonga é tematizada numa sequência contraditória que começa abordando a loucura e termina falando da bissexualidade de modo pejorativo.

Inicialmente a loucura aparece de modo supostamente desprezioso no depoimento de Alfredo Netto, sendo relacionada a momentos introspectivos de concentração para o trabalho. É curioso notar que essa estigmatização ocorre com uma transferência de responsabilidade, sendo atribuída a outras pessoas, enquanto o próprio depoente diz acreditar que aqueles momentos se configuravam, na verdade, como os de maior seriedade.

Ainda no mesmo bloco, a orientação sexual de Pernalonga é problematizada. No instante imediatamente seguinte à frase “tivemos uma relação hétero”, pronunciada por sua companheira, a edição do documentário recorre ao depoimento de uma de suas irmãs (“Ele era bissexual!”), produzindo um efeito de contradição. A irmã continua sua fala fazendo questão de afirmar “Ele não era homossexual, era bi, que ele curtia os dois né”. A necessidade de

evidenciar a negação da homossexualidade é um elemento que precisa ser destacado, pois revela uma carga negativa associada a esse sentido. Para completar, o período termina com uma adversativa: “mas nunca meu irmão deu nenhum conselho a nenhum menino pra ser igual a ele”, o que equivale a dizer que “ainda que meu irmão tenha adotado práticas homossexuais, ele não era homossexual, era um homem de bem e não aliciava outras pessoas às mesmas práticas”. Nesse caso, vemos uma clara transferência da fala ao campo da moralidade, como se houvesse alguma implicação entre a construção da sexualidade e a moralidade do sujeito.

Esses elementos evidenciam o quanto a legibilidade e o reconhecimento dos sujeitos estão baseadas na reiteração de normas e categorias identitárias que se forjam num contexto cis-hetero-normativo e fazem marginais ou abjetos aqueles que se colocam nas fronteiras. Essa relação já havia sido preconizada por Michel Foucault em sua obra História da Loucura na Idade Clássica: “em todos os tempos, e provavelmente em todas as culturas, a sexualidade foi integrada num sistema de coações; mas é apenas no nosso, e em data relativamente recente, que ela foi dividida de um modo tão rigoroso entre a Razão e o Desatino, e logo, por via de consequência e degradação, entre a saúde e a



doença, o normal e o anormal”.
(FOUCAULT, 1978, p. 102)

Por sua vez, o bloco 3 denominado “A aids”, deixa escapar a partir do depoimento de Ana Britto que Pernalonga fora diagnosticado por uma médica psiquiátrica. Aqui chama atenção o fato do diagnóstico da Aids (uma doença que, ao imaginário da época era creditada essencialmente ao exercício da sexualidade) ter sido emitido por uma profissional especializada (talvez não por um acaso) no campo da saúde mental, relação que reafirma a crítica foucaultiana supracitada.

Se por um lado Pernalonga era constrangido pelas postulações dos saberes médicos diante do diagnóstico da Aids, por outro o próprio diagnóstico também é questionado. A ideia de que Pernalonga era um sujeito saudável passa a ser continuamente reafirmada de modo a colocar em cheque o seu diagnóstico. Embora a normatização imposta pelo saber médico diante do diagnóstico da Aids corrobore a abjeção, a negação e os sentidos pejorativos produzidos sobre o mesmo diagnóstico também se configuram enquanto uma ilegibilidade ou uma invisibilização que não reconhecem Pernalonga ainda que diante da performance ativista como sujeito vivendo com HIV.

Conclusão: O exercício de análise produziu uma série de deslocamentos sobre noções de

sujeito e de sexualidade. Embora o documentário pareça ter pretendido desde o início a produzir críticas a respeito do preconceito, ele agrega diversos elementos discursivos tendem a situar ele próprio como parte de uma rede de significações e relações de poder que sustentam a cis-heteronormatividade, o que reafirma o caráter performativo da linguagem.

Dessa forma, mesmo falando do preconceito de modo denotativo, o relato desse preconceito ocorre com base numa conotação performativa em que a norma se consagra em gêneros de fala que con(formam) as performances à abjeção, ainda que criticando o preconceito. E que tipo de “problema de linguagem” isso evidencia? A ironia maior de uma sociedade que pelo seu próprio desconhecimento, exclui, não legitima e repudia a alegoria melancólica fundadora de cada sujeito. Que desfere um golpe, mata e negligencia uma performance Pernalonga.

Referências Bibliográficas:

BUTLER, 2002. “Críticamente Subversiva”, In Mérida Jiménez, R.(ed.), Sexualidades Transgresoras: Una antología de estudios queer. Icaria, Barcelona, pp. 55-79

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUQUE, Tiago. Sexualidade, Gênero e Abjeção: uma reflexão sobre direitos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

humanos e LGBTs no Brasil contemporâneo. In: 4º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero. Brasília: 2008. FÓRUM. 2008.

FOUCAULT, Michel. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HENNIGEN, Inês. Subjetivação como produção cultural: fazendo uma outra psicologia. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, Ago. 2006.

MEDRADO, Benedito. Produção de sujeitos e regimes de verdade no movimento LGBT: memória, política e estética em Recife, Belém e Barcelona. 2012

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. / Larissa Pelúcio. – São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-26, 2007

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política / Jacques Rancière; tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: Exo Experimental org. Ed. 34. 2005

RODRIGUES, Luciana; HENNIGEN, Inês. Jornalismo, a questão da verdade e a produção de subjetividade. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 63, n. 3, 2011

SILVA, Sandro José. Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970 / Sandro José da Silva. Recife, 2011.

SPINK, Mary Jane P.; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane P.; LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: A explicitação dos passos de interpretação. In: Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano:

aproximações teóricas e metodológicas. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSARELI, Carlos André. Imagens em Diálogo. In: Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSARELLI, C.A. F. (1998). Amores Dublados: linguagens amorosas entre homens no filme *La Ley del deseo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.